

Hamlet

William Shakespeare



AMÉRICO, Pedro. *A visão de Hamlet* (1893)



1564-1616

William Shakespeare

- É considerado o pai da língua inglesa, pois a unificou no séc. XVII
- Reinventou do **drama**, unindo tragédia e comédia para tratar dos problemas psicológicos essenciais humanos e dos traumas
- Inferiu forte psicologismo às personagens, inclusive às secundárias
- Foi o primeiro a aceitar mulheres como atrizes representando no palco
- Além do **drama**, dedicou-se à poesia durante três anos em que isolou-se em sua casa durante o período da peste negra, que devastou a Europa
- Casou-se com Anne Hathaway em 1582, com quem teve três filhos
- É um gênio incomparável



Em Stratford, a tumba de Shakespeare.

Tragédia

- **UNIVERSAL**: Shakespeare faz parte do cânone da literatura, ou seja, é universal, pois sua obra não pertence a um país, a um idioma, mesmo que possa ser reconhecido como autor inglês de obra em língua inglesa.

- **Ambiente**: não é a Inglaterra

- **Herói moderno**: homem moderno vive um trauma, não aceita um destino pré-estabelecido, vive em crise existencial pois reflexo de suas atitudes. A **VONTADE** é humana, não divina

- **ARQUÉTIPO**: uma experiência que serve de modelo universal por ser o primeiro exemplo

- Gênero literário: DRAMA (teatro/representação)
- *Hamlet* é uma tragédia, ou seja, uma peça teatral
- A história encenada é de cunho psicológico
- Foca na relação de poder, frustração e como o ser humano age quando motivado pelas emoções
- **Catarse**: purificação da alma por meio de uma carga emocional provocada por um drama – *alívio da alma*
- Não tem coro
- Transição dos teatros elisabetanos para o palco mais comum é o *italiano*, que propõe ao público uma visão central e próxima do palco
- **CONFLITO**: é uma tensão entre vontades opostas que propõe a ação dramática
 - **Razão x emoção**
 - **Vinganças e Poder**

Consideração sobre as peças de Shakespeare

A Megera Domada, 1593 (1623 pub.)
Romeu e Julieta, 1591-96 (1597 pub.)
Sonhos de uma noite de verão, 1595 (1600 pub.)
O mercador de Veneza, 1596 (1600 pub.)

1ª fase

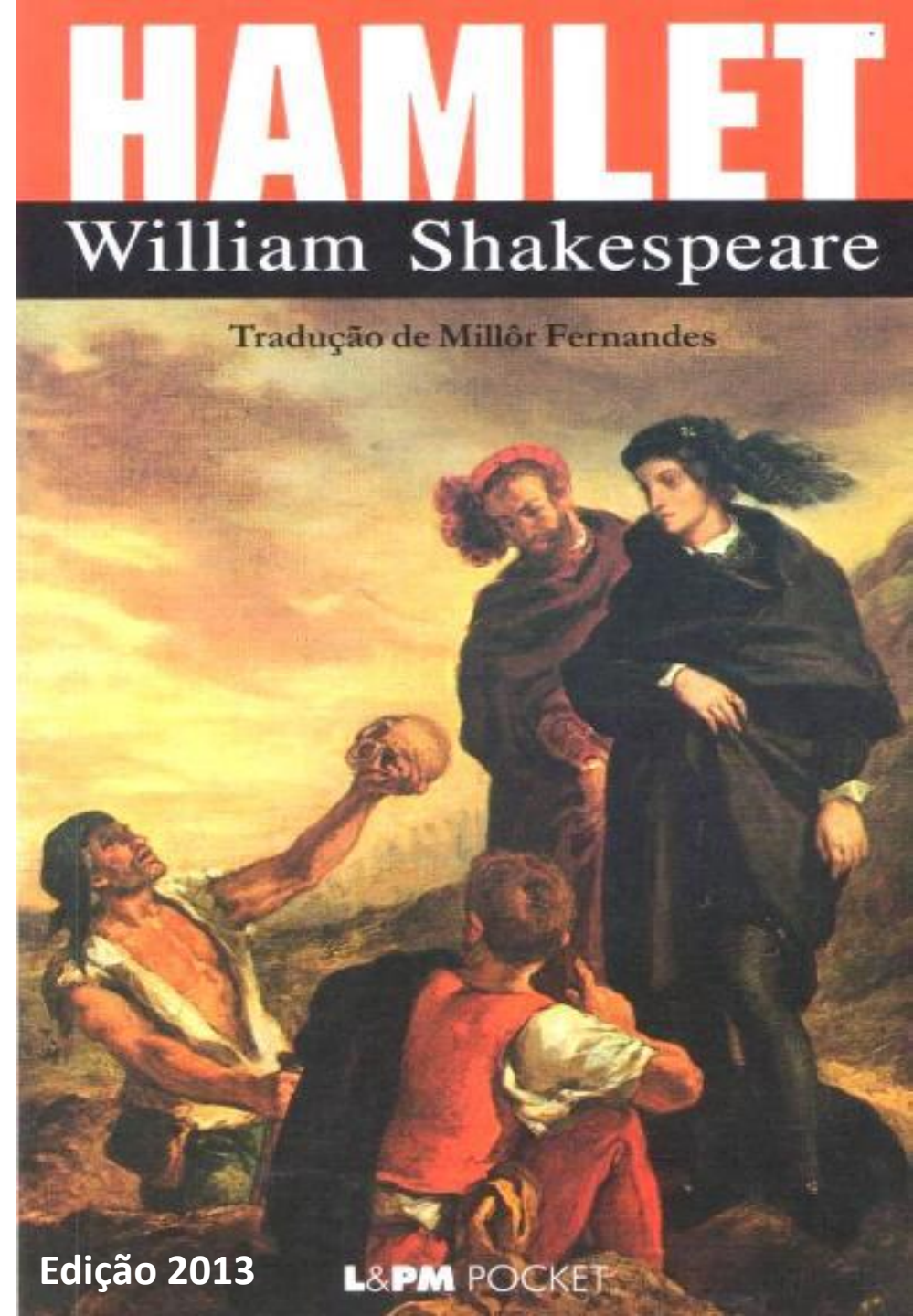
- **Tragédias** e Comédias de costumes
- Idealização amorosa
- Traços realistas
- Teor psicológico

2ª fase

Hamlet, 1599-1600 (1603 pub.)
Otelo, 1603 (1622 pub.)
Rei Lear, 1603-06 (1608 pub.)
Macbeth, 1603-06 (1623 pub.)

- Tragédias psicológicas
- Sem idealizações
- ironia
- Realismo + sobrenatural

- Escrita +- 1599-1601
- História de TRAIÇÃO, VINGANÇA, INCESTO, CORRUPÇÃO e IMORALIDADE
- O foco do enredo é o príncipe Hamlet
- CRIME DE SANGUE: entre família; na Grécia era imperdoável pelos Deuses
- **VINGANÇA:** é o elemento trágico que interfere no comportamento das personagens e dá andamento aos acontecimentos
- A peça é dividida em cinco atos, com quantidade diferente de cenas
- **O cenário** é o país da Dinamarca
- É a verdadeira tragédia humana: a ação (poder) e a reação (vingança) estão na mesma proporção e geram VIOLÊNCIA
- Sobrenatural: o espírito do Rei Hamlet desemboca a cadeia de ações que cessa apenas com o final trágico



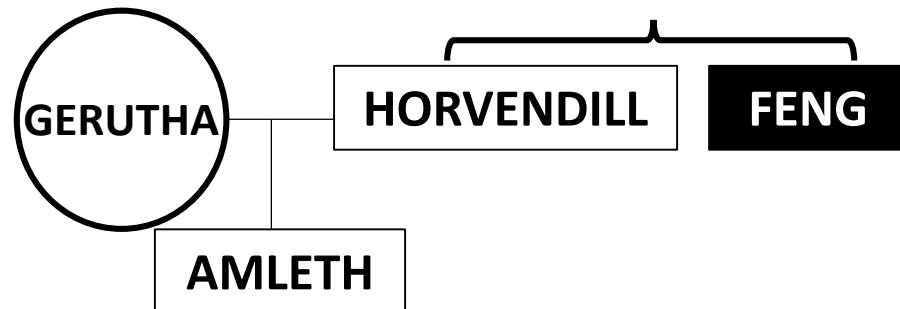
Contexto histórico & Fonte mitológica

Mitologia Escandinávia

- Shakespeare teria se baseado num mito para escrever *Hamlet*
- Versão do séc. XIII
- Mito de Amleth: figura mitológica heroica da cultura popular Escandinávia
- Provavelmente originada de um antigo poema islandês
- Amleth é filho de um rei assassinado pelo próprio irmão, que desposa a cunhada
- Amleth é tomado pelo desejo obsessivo de vingança

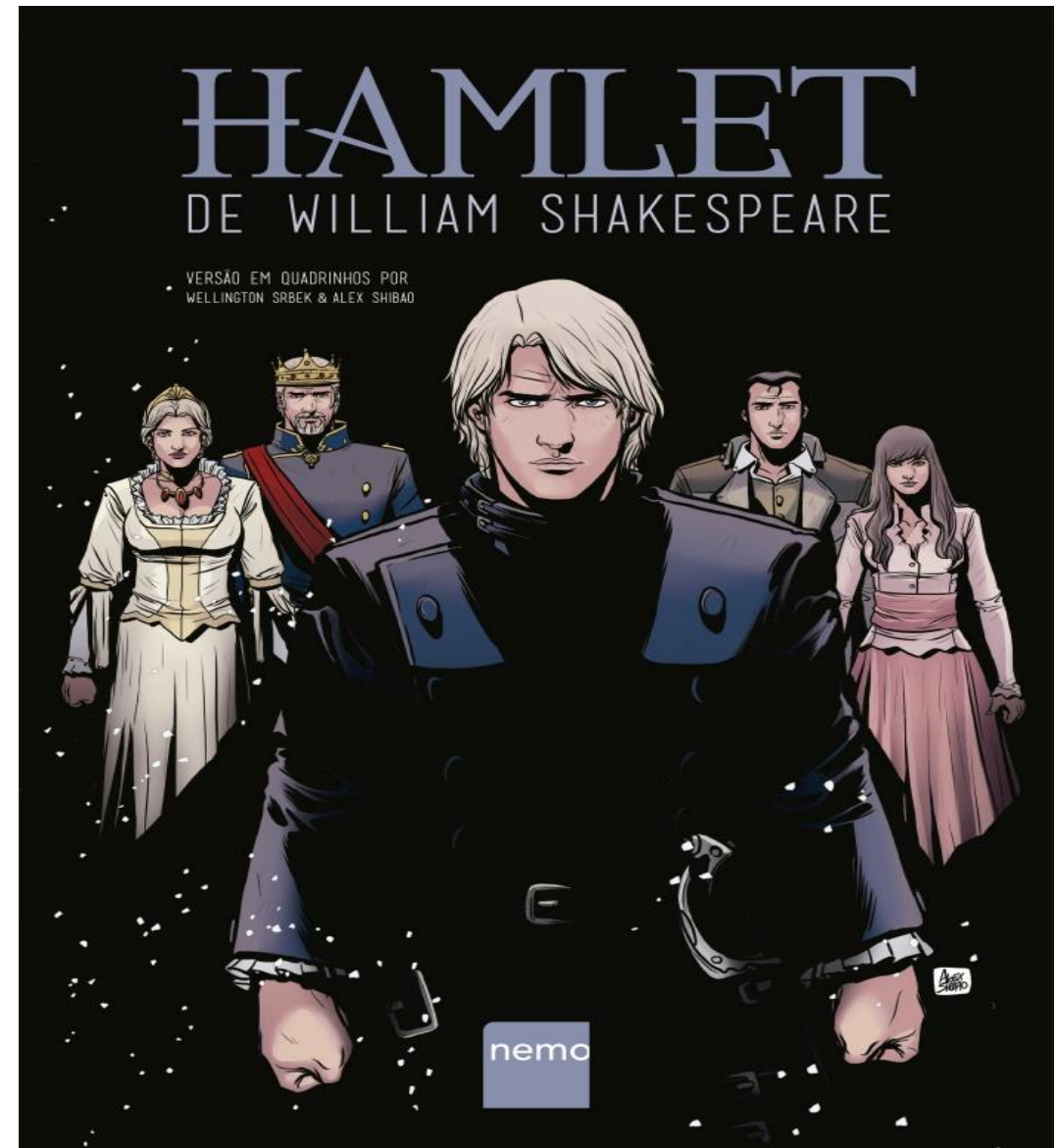
Momento histórico

- Reino da Dinamarca e Noruega (1536-1814)
- Poder político de Copenhagen/DEN
- **SECESSÃO** da Suécia da União de Kalmar em 1521: instalou-se uma guerra civil seguida da Reforma Protestante na Dinamarca e na Noruega
- Dinamarca e Noruega se tornaram estados absolutistas e monarquias hereditárias
- Dinamarca e Noruega disputavam o poder sobre os territórios da Escandinávia
 - terras agregadas: Islândia, Noruega, Groelândia, Ilhas Faroe
- Ob. a Suécia era uma grande potência e disputava o poder com o Reino da Dinamarca e Noruega



PERSONAGENS

- **Cláudio** – Rei da Dinamarca
- **Hamlet** – filho do falecido rei, sobrinho de Cláudio
- Polônio – Lord camarista
- Horácio – amigo de Hamlet
- Laertes – filho de Polônio
- Voltimando – cortesão
- Cornélio – cortesão
- Rosencrantz – cortesão
- Guildenstern – cortesão
- Um cavaleiro
- Um sacerdote
- Marcelo – oficial
- Bernardo – oficial
- Francisco – um soldado
- Reinaldo – criado de Polônio
- Atores
- Dois clowns – coveiros
- Fortinbrás – príncipe da Noruega
- Um capitão
- Embaixadores ingleses
- **Gertrudes** – Rainha da Dinamarca, mãe de Hamlet
- Ofélia – filha de Polônio
- **Fantasma do pai de Hamlet – o Rei Hamlet**



ATO I

- **CENA I:** soldados e oficiais questionam a existência do fantasma do Rei Hamlet (aparece)
 - Horácio tenta falar com o fantasma, que não responde a ninguém
- **CENA II:** o Rei Cláudio fala sobre o luto e o casamento (p.19)
 - O rei Hamlet faleceu (assassinado) havia pouquíssimo tempo: menos de 2 meses (p.23)
 - a Dinamarca havia conquistado terras do Rei da Noruega: o príncipe norueguês, Fortinbrás, deseja recuperá-las
 - A rainha Gertrudes orienta Hamlet sobre seu ar sombrio, fruto do luto pelo pai (p.21)
 - Hamlet pensa em suicídio (p.23), e parece ter obsessão pela mãe (p.24)
 - Horácio revela a Hamlet ter visto o fantasma do rei: o fantasma vestia armadura (pronto para a guerra)
 - Hamlet se propõe a ficar de guarda pela noite, pois está desconfiado de que o espírito do pai deseja revelar algo (p.27)
- **CENA III:** Laertes orienta a irmã, Ofélia, sobre as intenções amorosas de Hamlet
 - O pai, Polônio, reprova as intenções de Hamlet
- **CENA IV:** Hamlet encontra-se com o espírito do pai (p.33)
- **CENA V:** diálogo entre Hamlet e o fantasma do pai
 - O fantasma revela seu propósito de vingança, o motivo e que fora ASSASSINADO (p.35-36)
 - Envenenado pelo próprio irmão, Cláudio
 - Alerta e orienta Hamlet a deixar sua mãe fora da vingança



Rei Cláudio fala sobre o luto e o casamento (CENA II)

REI: Embora a morte de nosso caro irmão, Hamlet,
Ainda esteja verde em nossos sentimentos,
O decoro recomende luto em nosso coração,
E o reino inteiro ostente a mesma expressão sofrida,
A razão se opõe à natureza,
E nos manda lembrar dele com sábia melancolia
Sem deixar de pensarmos em nós mesmos.
Por isso, não desconsiderando vossos melhores conselhos,
Que nos foram livremente transmitidos esse tempo todo,
Tomamos por esposa nossa antes irmã, atual rainha,
Partícipe imperial deste Estado guerreiro.
Embora, por assim dizer, com alegria desolada;
Um olho auspicioso, outro chorando,
Aleluia no enterro, réquiem no casamento,
Equilibrados, em balança justa, o prazer e a mágoa.
A todos nossos agradecimentos.

(p.19)

O rei Hamlet falecera havia pouco tempo, e Hamlet pensa em suicídio (CENA II)

HAMLET: Oh, que esta carne tão, tão maculada, derretesse,
Explodisse e se evaporasse em neblina!
Oh, se o Todo-Poderoso não tivesse gravado
Um mandamento contra os que se suicidam.
Ó Deus, ó Deus! Como são enfadonhas, azedas ou rançosas,
Todas as práticas do mundo!
O tédio, ó nojo! Isto é um jardim abandonado,
Cheio de ervas daninhas,
Invadido só pelo veneno e o espinho
Um quintal de aberrações da natureza.
Que tenhamos chegado a isto...
Morto há apenas dois meses! Não, nem tanto. Nem dois.
Um rei tão excelente. Compará-lo com este
É comparar Hipérion, Deus do sol,
Com um sátiro lascivo. Tão terno com minha mãe
Que não deixava que um vento mais rude lhe roçasse o
rosto.
Céu e terra! É preciso lembrar?

(p.23)

O ar sombrio de Hamlet e o luto pelo pai (CENA II)

HAMLET: (À parte.) Me perfilha como primo, pois não primo como filho.

REI: Por que essas nuvens sombrias ainda em teu semblante?

HAMLET: Me protejo, senhor, por estar tão perto do sol.

RAINHA: Querido Hamlet, arranca de ti essa coloração noturna.

E olha com olhar de amigo o rei da Dinamarca.

Chega de andar com os olhos abaixados

Procurando teu nobre pai no pó, inutilmente,

Sabes que é sorte comum tudo que vive morre,

Atravessando a vida para a eternidade.

HAMLET: Sim, madame, é comum.

RAINHA: Se é, por que a ti te parece assim tão singular?

HAMLET: Parece, senhora? Não, madame, é! Não conheço o parece.

Não é apenas o meu manto negro, boa mãe,

Minhas roupas usuais de luto fechado,

Nem os profundos suspiros, a respiração ofegante.

Não, nem o rio de lágrimas que desce de meus olhos,

Ou a expressão abatida do meu rosto,

Junto com todas as formas, vestígios e exhibições de dor,

Que podem demonstrar minha verdade. Isso, sim, parece,

São ações que qualquer um pode representar.

O que está dentro de mim dispensa e repudia

Os costumes e galas que imitam a agonia.

(p.21)

Hamlet e a obsessão pela mãe (CENA II)

HAMLET: Ela se agarrava a ele como se seu desejo crescesse

Com o que o nutria. E, contudo, um mês depois...

É melhor não pensar! Fragilidade, teu nome é mulher!

Um pequeno mês, antes mesmo que gastasse

As sandálias com que acompanhou o corpo de meu pai,

Como Níobe, chorando pelos filhos, ela, ela própria

Ó Deus! Uma fera, a quem falta o sentido da razão,

Teria chorado um pouco mais ± ela casou com meu tio,

O irmão de meu pai, mas tão parecido com ele

Como eu com Hércules! Antes de um mês!

Antes que o sal daquelas lágrimas hipócritas

Deixasse de abrasar seus olhos inflamados,

Ela casou. Que pressa infame,

Correr assim, com tal sofreguidão, ao leito incestuoso!

Isso não é bom, nem vai acabar bem.

Mas estoura, meu coração! Devo conter minha língua!

(p.24)

Hamlet desconfia de que o fantasma quer revelar-lhe algo (CENA II)

HAMLET: Vou ficar de guarda hoje à noite ± talvez volte.

HORÁCIO: Eu garanto que sim.

HAMLET: Se surgir na figura de meu nobre pai eu falo com ele

Mesmo que o inferno abra sua goela de fogo

E ordene que eu me cale. Imploro a todos,

Já que até agora mantiveram em segredo o que viram,

Que conservem o silêncio.

E seja o que for que aconteça esta noite

Tenham os olhos abertos e a língua imóvel.

Eu retribuo a afeição de todos. Passem bem;

Antes da meia-noite estarei com vocês na plataforma.

TODOS: Senhor, pode contar com a nossa obediência.

HAMLET: Me deem amizade eu lhes darei a minha. Adeus!

(Saem todos, menos Hamlet.)

O espírito de meu pai! E armado! Nem tudo está bem;

Suspeito de alguma felonía. Queria que já fosse noite!

Te contém até lá, meu coração!

A infâmia sempre reaparece ao olhar humano,

Mesmo que a afoguem no fundo do oceano. *(Sai.)*

(p.27)

O fantasma revela seu propósito e os motivos (CENA V)

Outra parte da Esplanada. (Entram o Fantasma e Hamlet.)

HAMLET: Fala: estou pronto pra ouvir.

FANTASMA: E também pra me vingar, depois de ouvir.

HAMLET: O quê?

FANTASMA: Sou o espírito de teu pai

Condenado, por um certo tempo, a vagar pela noite

E a passar fome no fogo enquanto é dia,

Até que os crimes cometidos em meus tempos de vida

Tenham sido purgados, se transformando em cinza.

Se não me fosse proibido

Narrar os segredos das profundas,

Eu te revelaria uma história cuja palavra mais leve

Arrancaria as raízes da tua alma.

E gelaria o sangue da tua juventude,

Fazendo teus dois olhos abandonarem as órbitas

Como estrelas perdidas; enquanto teus cabelos,

Separados em tufo, ficariam com os fios em pé:

Cerdas na pele de um porco-espinho.

Mas esses segredos do sobrenatural

Não são pra ouvidos feitos de carne e sangue,

Escuta, escuta, escuta!

Se você algum dia amou seu pai...

HAMLET: Ó, Deus!

FANTASMA: Vingam esse desnaturado, infame assassinato.

HAMLET: Assassinato!

FANTASMA: Todo assassinato é infame:

Este é infame, perverso ± monstruoso.

HAMLET: Me conta tudo logo, pra que eu,

Mais rápido do que um pensamento de amor,

Voe para a vingança.

FANTASMA: Te vejo decidido:

E serias mais insensível do que as plantas adiposas

Que apodrecem molemente nas margens do rio Letes

Se ficasses impassível diante disso. Então, Hamlet, escuta:

Se divulgou que fui picado por uma serpente

Quando dormia em meu jardim;

Com essa verão mentirosa do meu falecimento

Se engana grosseiramente o ouvido de toda a Dinamarca.

Mas saiba você, meu nobre jovem:

A serpente cuja mordida tirou a vida de teu pai

Agora usa a nossa coroa.

HAMLET: Ó, minha alma profética! Meu tio!

(p.35-36)

O fantasma Hamlet a deixar Gertrudes fora da vingança (CENA V)

FANTASMA: Se você tem sentimentos naturais não deve tolerar;

Não deve tolerar que o leito real da Dinamarca Sirva de palco à devassidão e ao incesto.

Mas, seja qual for a tua forma de agir,

Não contamina tua alma deixando teu espírito

Engendrar coisa alguma contra tua mãe. Entrega-a ao céu,

E aos espinhos que tem dentro do peito:

Eles ferem e sangram. Adeus de uma vez!

O vagalume começa a empalidecer sua luz noturna;

É que a alvorada o vence.

Adeus, adeus, adeus! Lembra de mim. *(Sai.)*

(p.37-38)

O fantasma faz Horácio e Hamlet jurarem segredo (CENA V)

HORÁCIO: Então propõe o juramento: nós juramos.

HAMLET: Jurem por minha espada.

FANTASMA: *(Debaixo da cena.)* Jurem.

HAMLET: *Hic et ubique?* Você está em toda a parte, hein?

Pois vamos mudar de lugar. Venham pra cá, senhores.

(Vão pra outra parte do palco.)

Aqui. Ponham de novo a mão na minha espada;

Jurem por minha espada.

FANTASMA: *(Debaixo da cena.)* Jurem.

HAMLET: Muito bem, ratazana! Você cava depressa embaixo da terra, hein?

O rei da mineração! Vamos mudar de novo de lugar.

HORÁCIO: Ó dia, ó noite! Isso é espantosamente estranho!

HAMLET: Portanto, como estranho, deve ser bem recebido.

Há mais coisas no céu e na terra, Horácio,

Do que sonha a tua filosofia.

(p.40-41)

ATO II

- **CENA I:** Polônio incumbe Reinaldo de provocar e manchar a imagem de Laertes, o próprio filho
 - Ofélia revela ao pai (Polônio) a loucura de Hamlet
 - Ela recusa o príncipe por ordem do pai
- **CENA II:** Cláudio e Gertrudes colocam Rosencrantz e Guildenstern para vigiar Hamlet
 - A rainha tem consciência do porquê da mudança de Hamlet (p.48)
 - O rei da Noruega repreende Fortinbrás e jura fidelidade à Dinamarca (p.48)
 - Polônio acusa Hamlet de loucura (p.49)
 - Hamlet pondera sobre a hipocrisia da corte (p.57)
 - Hamlet defende o Drama (a tragédia): *é o interesse de Shakespeare em usar a peça para divulgar e defender a tragédia moderna*
 - Hamlet solicita aos atores que representem uma peça, *O assassinato de Gonzaga*, e que incluam no texto uns versos seus (p.62)
 - O propósito da peça: fazer os criminosos confessarem o crime (p.64)
- **Ob.** Crítica sobre os artistas, diálogo entre Hamlet, Rosencrantz e Guildenstern (p.56-57)



ROSSETTI, Dante Gabriel. *Hamlet and Ophelia*, 1866

Polônio acusa Hamlet de loucura (CENA II)

RAINHA: É. Menos arte e mais substância.

POLÔNIO: Madame, juro que não uso arte alguma.

Que Hamlet está louco é verdade. É verdade lamentável.

E lamentável ser verdade; uma louca retórica.

Mas adeus a essa arte.

Louco então: estejamos de acordo.

Falta achar a causa desse efeito,

Melhor dizer, causa desse defeito,

Pois mesmo um efeito defeituoso há de ter uma causa.

Sendo isso o que sobra, nada resta.

Ponderem.

Eu tenho uma filha tenho enquanto for minha

Que, por dever e obediência, notem bem,

Me entregou isto. (Mostra uma carta.)

Rogo que escutem e concluam.

(Lê.) “Ao ídolo celestial de minha alma,

À belíssima Ofélia...”

Uma expressão falsa, uma invenção vulgar belíssima;

(Lê.) “Que ela, na excelsa alvura nívea de seu seio...” Etc.

(p.49)

Hamlet e a hipocrisia da corte (CENA II)

HAMLET: Não é tão estranho; meu tio agora é rei da Dinamarca, e muitos que faziam caretas pra ele enquanto meu pai era vivo, hoje dão vinte, quarenta, cinquenta, até cem ducados por um retrato dele em miniatura. Pelo sangue de Deus! Há nisso alguma coisa sobrenatural que a filosofia não consegue explicar. *(Trombetas fora de cena.)*

(p.37-38)

Hamlet defende o drama/tragédia moderna (CENA II)

- Shakespeare usa a peça para divulgar e defender a tragédia moderna

HAMLET: Eu já ouvi você dizendo um trecho que nunca foi posto em cena, ou foi só uma vez, **pois a peça, eu me lembro, não era pra multidões**. Caviar pro populacho. Mas era (pelo que entendi, e entenderam outros, cujo julgamento nessa matéria grita mais alto que o meu) **um drama excelente**, com cenas bem distribuídas, e realizadas com contenção e habilidade. Recordo alguém dizer que **faltava algo picante no texto pra torná-lo mais digerível**, embora não tivesse também nenhuma frase pela qual se pudesse acusar o autor de afetação. A mesma pessoa reconheceu **um roteiro honesto, tão agradável quanto sadio, porém mais bonito do que refinado**. Tinha lá esse trecho que eu apreciava muito: é o relato que Enéas faz a Dido, principalmente a parte onde fala do assassinato de Príamo. Se isso ainda vive em tua memória, começa neste verso, deixa eu ver, deixa eu ver...

(p.59)

Hamlet deseja expor os criminosos com a peça *O Assassinato de Gonzaga* (CENAII)

HAMLET: (...) Eu, filho querido de um pai assassinado,
Intimado à vingança pelo céu e o inferno,
Fico aqui, como uma marafona,
Maldição! Oh! Trabalha, meu cérebro! Ouvi dizer
Que certos criminosos, assistindo a uma peça,
Foram tão tocados pelas sugestões das cenas,
Que imediatamente confessaram seus crimes;
Pois embora o assassinato seja mudo,
Fala por algum órgão misterioso. Farei com que esses atores
Interpretem algo semelhante à morte de meu pai
Diante de meu tio,
E observarei a expressão dele quando lhe tocarem
No fundo da ferida.
Basta um frêmito seu e sei o que fazer depois.
Mas o espírito que eu vi pode ser o demônio.
O demônio sabe bem assumir formas sedutoras
E, aproveitando minha fraqueza e melancolia,
Tem extremo poder sobre almas assim
Talvez me tente para me perder.
Preciso provas mais firmes do que uma visão.
O negócio é a peça que eu usarei
Pra explodir a consciência do rei. (p.64)

ATO III

- **CENA I:** Hamlet vai ao encontro com Ofélia orquestrado por Polônio (Rei e Rainha escondidos) p.67-68
 - Qual o verdadeiro propósito da vida? O de Hamlet é vingar-se: *Ser ou não ser – eis a questão*.
 - Diálogo com Ofélia: a dissimulação (beleza-honestidade), pois Hamlet sabe que todos fingem (p.68)
 - Hamlet tem consciência de si (p.69)
 - A promessa de vingança a Cláudio e Gertrudes é implícita (p.69)
 - O rei deseja enviar Hamlet à Inglaterra
- **CENA II:** Horácio é um homem equilibrado (p.72)
 - O rei Hamlet faleceu (assassinado) havia pouquíssimo tempo: menos de 2 meses (p.23)
 - Cena da morte do rei na peça (p.79)
 - A cólera do rei Cláudio com a peça
 - Hamlet não deseja, de fato, ser cruel com a mãe (p.p83)
- **CENA III:** o rei Cláudio decidi mandar Hamlet á Inglaterra
 - Cláudio confessa o crime em pensamentos, por uma oração (p.85-86)
- **CENA IV:** Hamlet acusa a rainha (p.87-88)
 - Durante a discussão, Hamlet atinge com o florete um espião (Polônio) atrás da tapeçaria: ele morre
 - O fantasma entra: intervém a favor da rainha; só Hamlet o vê (p.90-91)
 - Hamlet esconde o corpo de Polônio



DELACROIX, Eugène. *A morte de Polônio*, 1849.

Qual o sentido/propósito da vida de Hamlet? A crise do herói moderno (CENA I)

HAMLET: Ser ou não ser eis a questão.
Será mais nobre sofrer na alma
Pedradas e flechadas do destino feroz
Ou pegar em armas contra o mar de angústias
E, combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer; dormir;
Só isso. E com o sono ± dizem extinguir
Dores do coração e as mil mazelas naturais
A que a carne é sujeita; eis uma consumação
Ardentemente desejável. Morrer dormir
Dormir! Talvez sonhar. Aí está o obstáculo!
Os sonhos que hão de vir no sono da morte
Quando tivermos escapado ao tumulto vital
Nos obrigam a hesitar: e é essa reflexão
Que dá à desventura uma vida tão longa.
Pois quem suportaria o açoite e os insultos do mundo,
A afronta do opressor, o desdém do orgulhoso,
As pontadas do amor humilhado, as delongas da lei,
A prepotência do mando, e o achincalhe
Que o mérito paciente recebe dos inúteis,
Podendo, ele próprio, encontrar seu repouso

Com um simples punhal? Quem aguentaria fardos,
Gemendo e suando numa vida servil,
Senão porque o terror de alguma coisa após a morte
O país não descoberto, de cujos confins
Jamais voltou nenhum viajante nos confunde a vontade,
Nos faz preferir e suportar os males que já temos,
A fugirmos pra outros que desconhecemos?
E assim a reflexão faz todos nós covardes.
E assim o matiz natural da decisão
Se transforma no doentio pálido do pensamento.
E empreitadas de vigor e coragem,
Refletidas demais, saem de seu caminho,
Perdem o nome de ação. (*Vê Ofélia rezando.*)
Mas, devagar, agora!
A bela Ofélia!
(*Para Ofélia.*) Ninfa, em tuas orações
Sejam lembrados todos os meus pecados.

(p.67-68)

Cláudio confessa o crime em pensamentos (CENA III)

REI: Obrigado, caro senhor meu. *(Sai Polônio.)*

Oh, meu delito é fétido, fedor que chega ao céu;
Pesa sobre ele a maldição mais velha,
A maldição primeira assassinar um irmão!
Nem consigo rezar embora a inclinação e a vontade imensa.
Mas se a vontade é grande, minha culpa é maior.
Como homem envolvido numa empreitada dúplice.
Hesito e paro, sem saber por onde começar;
E desisto de ambas. Mas, mesmo que esta mão maldita
Tivesse sua espessura duplicada pelo sangue fraterno,
Será que nesses céus clementes não haveria
Chuva bastante pra lavá-las de novo brancas como a neve?
Pra que serve a piedade, senão para apagar a face do delito?
E o que é a oração senão essa virtude dupla
Evitar nossa queda; ou perdoar-nos, depois,
Então, eu olharei pro alto; pra resgatar minha culpa.
Mas, que forma de oração pode servir meu intuito?
“Perdoai meu torpe assassinato?”
Isso não pode ser, pois retenho a posse
Dos benefícios que me levaram ao crime
É possível ser perdoado retendo os bens do crime?

Nas correntes corruptas deste mundo
As mãos douradas do delito podem afastar a justiça
Como tanto se vê o próprio lucro do malfeito
Comprando a lei. Mas não é assim lá em cima;
Ali não há trapaças. Lá a ação se mostra tal qual foi,
E nós, nós mesmos, somos compelidos a prestar testemunho,
Olhando nossas culpas no dente e no olho.
E então? Que resta? Ver o que pode o arrependimento.
O que não pode? Mas o que pode, quando não conseguimos
nos arrepender?
Que lamentável estado! Peito negro como a morte!
Oh, alma cheia de visgo, cuja luta pra ser livre
Ainda a embaraça mais. Socorro, anjos! Um esforço, por mim!
Dobrem-se, joelhos orgulhosos; coração de tendões de aço,
Fica suave como a carne tenra do recém-nascido!
Tudo pode sair bem. *(Se move para um lado e se ajoelha. Entra Hamlet.)*

(p.85-86)

Durante a discussão com a mãe, Hamlet assassina Polônio, que estava escondido atrás da tapeçaria (CENA IV)

HAMLET: Vamos lá, sente aí e não se mova;
Não vai sair daqui antes que eu a ponha diante de um espelho
Onde veja a parte mais profunda de si mesma.

RAINHA: Que pretendes fazer? Vais me matar?
Socorro, socorro, aqui!

POLÔNIO: *(Atrás da tapeçaria.)* Olá! Socorro! Socorro! Socorro!

HAMLET: *(Puxando o florete.)* Que é isso? Um rato? Morto!
Aposto um ducado;

morto! *(Dá um lance com o florete através da tapeçaria.)*

POLÔNIO: *(Atrás.)* Oh, me mataram! *(Cai e morre.)*

RAINHA: Ai de mim, que fizeste?

HAMLET: Ora, eu não sei. Quem é; o rei?

RAINHA: Oh, que ação sangrenta e absurda!

HAMLET: Ação sangrenta! Quase tão má, minha boa mãe,
Como matar um rei e casar com o irmão dele.

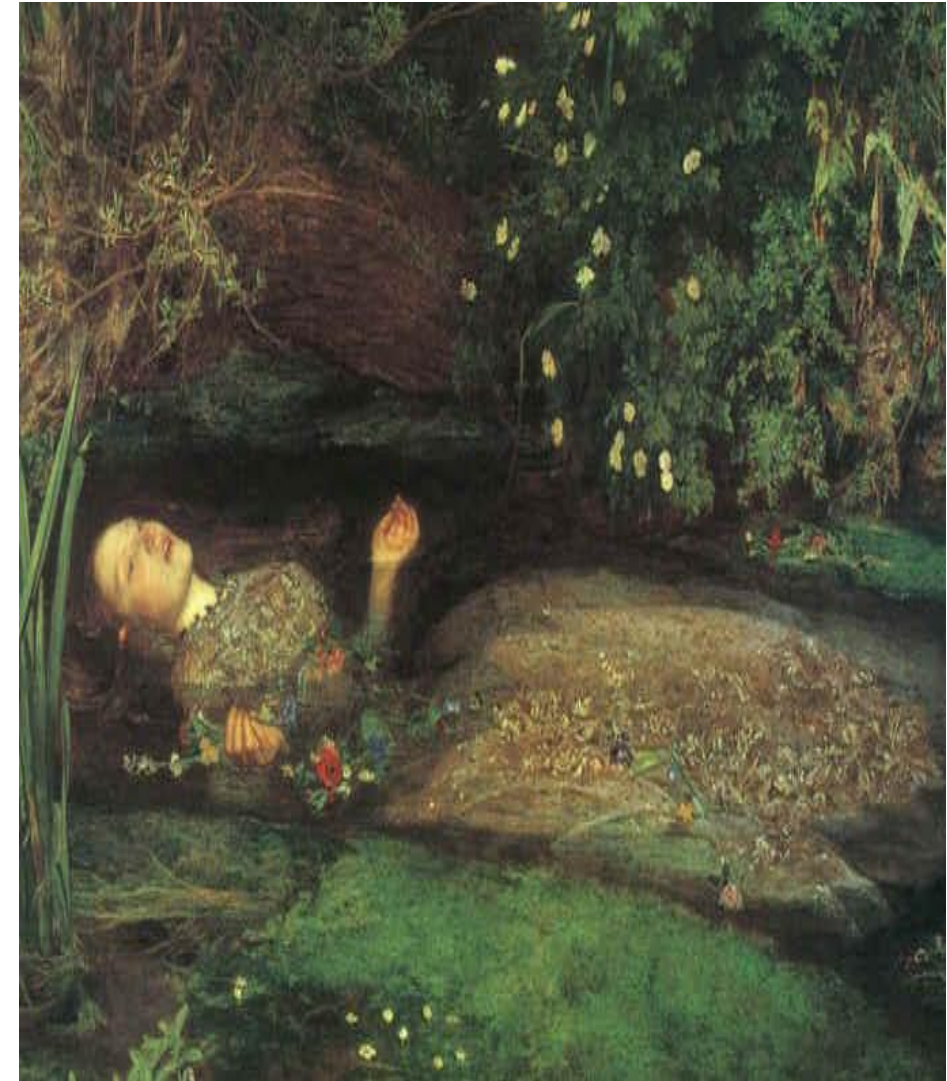
RAINHA: Como matar um rei!

HAMLET: Sim, senhora, foram as minhas palavras, *(Levanta a tapeçaria e olha Polônio.)*

Tu miserável, absurdo, intrometido idiota adeus!
Eu te tomei por um teu maior. Aceita teu destino;
Ser prestativo demais tem seus perigos!
(À Rainha.) Deixa de torcer as mãos. Calma;
E senta aí!
Pois eu pretendo torcer o seu coração;
Se ainda tiver substância penetrável;
Se o hábito do mal não o empederniu em bronze
Como couraça e proteção contra qualquer sentimento.
RAINHA: Que foi que eu fiz pra tua língua vibrar
Contra mim com esse ódio todo?

(p.87-88)

- **CENA I:** o rei manda buscar Hamlet e o corpo de Polônio
- **CENA II:** Rosencrantz e Guildenstern vão atrás de Hamlet
- **CENA III:** o rei Cláudio despacha Hamlet à Inglaterra para esconder o assassinato (p.59)
 - Cláudio envia uma carta exigindo que os ingleses matem Hamlet (p.100)
- **CENA IV:** a razão de existir de Hamlet é a vingança (p.102)
 - Ofélia delira por causa da morte do pai e pela partida de Hamlet
 - Laertes quer explicações sobre a morte do pai
- **CENA V:** os lamentos de Ofélia e a promessa de vingança de Laertes
- **CENA VI:** Hamlet envia uma carta a Horácio: tornou-se prisioneiro de piratas, nem chegou à Inglaterra
 - Laertes quer explicações sobre a morte do pai
- **CENA VII:** Cláudio denuncia Hamlet a Laertes
 - Hamlet anuncia ao rei seu retorno à Dinamarca
 - Cláudio e Laertes armam para matar Hamlet: florete envenenado (p.115)
 - Cláudio envenenará um cálice de vinho caso Laertes falhe
 - Ofélia morre: um galho do **salgueiro** quebra, e ela se afoga (p.116-117)



MILLAIS, John Everett. *A morte de Ofélia*, 1851.

O rei Cláudio envia uma carta aos ingleses exigindo que matem Hamlet (CENA III)

REI: (...) E tu, Inglaterra se de algum modo te interessa minha amizade

E minha extrema potência te aconselha a que assim queiras

Pois ainda tens viva e sangrenta

A cicatriz que te deixou a espada dinamarquesa,

E, embora livre, o teu temor é homenagem a nós,

Não podes receber com frieza nossa decisão soberana,

A qual, por **cartas que formalizam a exigência,**

Conduz à morte imediata de Hamlet. Faz isso, Inglaterra;

Pois Hamlet queima em meu sangue como a febre.

Tu deves curar-me. Até que isso aconteça,

O mais que me aconteça não poderá se chamar felicidade. *(Sai.)*

(p.100)

O rei Cláudio e Laertes **TRAMAM** para matar Hamlet (CENA VII)

REI: (...) Mas, bom Laertes,

Se desejas vingança, permanece fechado no teu quarto.

Hamlet, chegando, saberá que tu voltaste.

Nós o cercaremos dos que só louvarão tua competência,

Dando até outra camada de verniz à fama

Que o francês te outorgou. E aí provocaremos um entrevero entre vocês,

E apostaremos nas duas cabeças. Ele, negligente que é,

E generosíssimo, alheio a qualquer trama,

E alguma habilidade, poderás escolher

Um florete sem botão pra, num passe maldoso,

Pagar a vida de teu pai com a vida dele.

LAERTES: Assim farei;

E com esse fim untarei minha espada.

Um charlatão me vendeu um certo unguento,

Tão mortal que basta mergulhar nele uma lâmina

E, onde esta tirar sangue, o emplastro mais raro,

Composto de todas as ervas que a lua

Alimenta de virtudes, não livrará da morte

Quem sofrer um arranhão. Molharei no veneno

A minha ponta. O mais simples toque

Será a morte. (p.115)

RAINHA: Uma desgraça marcha no calcanhar de outra,
Tão rápidas se seguem. Tua irmã se afogou, Laertes.

LAERTES: Afogada! Oh, onde?

RAINHA: Há um salgueiro que cresce inclinado no riacho
Refletindo suas folhas de prata no espelho das águas;
Ela foi até lá com estranhas grinaldas
De botões-de-ouro, urtigas, margaridas,
E compridas orquídeas encarnadas,
Que nossas castas donzelas chamam dedos de defuntos,
E a que os pastores, vulgares, dão nome mais grosseiro.
Quando ela tentava subir nos galhos inclinados,
Para aí pendurar as coroas de flores,
Um ramo invejoso se quebrou;
Ela e seus troféus floridos, ambos,
Despencaram juntos no arroio soluçante.
Suas roupas inflaram e, como sereia,
A mantiveram boiando um certo tempo;
Enquanto isso ela cantava fragmentos de velhas canções,
Inconsciente da própria desgraça
Como criatura nativa desse meio,
Criada pra viver nesse elemento.
Mas não demoraria pra que suas roupas
Pesadas pela água que a encharcava,
Arrastassem a infortunada do seu canto suave
À morte lamacenta. (p.116-117)

- A morte/suicídio de Ofélia (CENA VII)
- O Salgueiro é um símbolo recorrente nas peças de Shakespeare
- Salgueiro: árvore às margens de pântanos ou rios sem vida; de aspecto triste - **MORTE**



DELACROIX, Eugène. *A morte de Ofélia*, 1838.
Uma de suas quatro representações.

ATO V



Frame do filme *Hamlet*, o duelo entre Hamlet e Laertes. Diretor Laurence Olivier, 1948.

- **CENA I:** o 1º coveiro desconfia que Ofélia tenha cometido suicídio, e 2º coveiro questiona o enterro cristão (p.118-119)
 - Hamlet e Horácio estão disfarçados dentro do reino da Dinamarca
 - O padre confirma o **SUICÍDIO** de Ofélia: ela teve um enterro cristão por ser fidalga
 - Hamlet descobre que Ofélia está morta e se revela atirando-se sobre a sepultura (p.125)
 - Laerte e Hamlet lutam, porém são separados
- **CENA II:** Hamlet falsifica uma carta real ao rei Inglês, exigindo a morte de seus portadores, Rosencrantz e Guildenstern (p.128-129)
 - Osric: servo da corte, informa Hamlet do duelo com Laertes, as condições e os termos (p.132)
 - Hamlet confessa ironicamente sua loucura e pede perdão a Laertes antes do duelo, porém ele não aceita a reconciliação (p.134-135)
 - O florete de Laertes está envenenado, e o rei envenena a taça de vinho que oferecerá a Hamlet (p.136)
 - A rainha bebe a taça por engano, sem saber de nada
 - Hamlet vence por dois toques; no terceiro, a violência é tal que os floretes caem e são trocados (p.137)
 - Hamlet fere Laertes, a rainha morre: Laertes assume e denuncia o plano do rei num último suspiro (p.137-138)
 - Hamlet assassina o rei com o florete; Laertes morre: **HAMLET MORRE** devido ao ferimento (p.139)
 - Antes de morrer, Hamlet deixa Horácio no poder e declara Fortinbrás Rei

Hamlet vence por dois toques, a rainha bebe a taça envenenada; Laertes insiste num terceiro lance por honra e os floretes são trocados (CENA II)

HAMLET: Em guarda, senhor.

LAERTES: Em guarda, meu senhor; *(Lutam.)*

HAMLET: Um!

LAERTES: Não!

HAMLET: Julgamento!

OSRIC: Um toque. Um toque bem visível.

LAERTES: Muito bem. De novo.

REI: Um momento; deem-me bebida. Hamlet, esta pérola é tua.

(Envenena a taça.)

À tua saúde.

(Soam trombetas. Tiros de canhão fora de cena.)

Deem esta taça a Hamlet.

HAMLET: Mais um assalto, antes; deixe a taça aí.

Em guarda. *(Lutam.)*

Toquei outra vez; que diz agora?

LAERTES: Tocou, tocou eu reconheço.

REI: Nosso filho vai ganhar.

RAINHA: Está suando e sem fôlego.

Aqui, Hamlet, toma meu lenço, enxuga a testa.

A Rainha brinda à tua fortuna. Hamlet.

(Ela pega a taça envenenada.)

HAMLET: Gentil senhora!

REI: Gertrudes, não beba!

RAINHA: Vou beber, meu senhor; rogo que me perdoe.

(Bebe.)

REI: *(À parte.)* A taça envenenada; tarde demais.

(A Rainha oferece a taça a Hamlet.)

HAMLET: Não, ainda não, senhora; bebo daqui a pouco.

(p.136-137)

REI: Separem-nos. Estão furiosos.

HAMLET: Não, não. Continua! Ataca! *(A Rainha cai.)*

OSRIC: Socorram a Rainha a Rainha!

HORÁCIO: Os dois estão sangrando. *(A Hamlet.)* Como está, meu senhor?

OSRIC: Como está, Laertes?

LAERTES: Preso como um engodo em minha própria armadilha, Osric.

Morto, com justiça, por minha própria traição.

HAMLET: Como está a Rainha?

REI: Desmaiou quando os viu ensanguentados.

RAINHA: Não, não, a bebida, a bebida — Oh, querido Hamlet, A bebida, a bebida! Fui envenenada!

HAMLET: Ó, infâmia! Hei — tranquem as portas. Traição! Procurem o traidor. *(Laertes cai.)*

LAERTES: Está aqui, Hamlet; Hamlet, você está morto;

Nenhum remédio no mundo poderá te salvar

Não sobra em ti meia hora de vida;

O instrumento traidor está em tua mão,

Sem proteção e envenenado. O torpe estratagema

Se voltou contra mim; olha, eis-me caído;

Pra não me erguer jamais. Tua mãe foi envenenada.

Não posso mais — **o Rei, o Rei é o culpado.**

HAMLET: A ponta! Envenenada também!

Então, veneno, termina tua obra! *(Fere o Rei.)*

TODOS: Traição! Traição!

REI: Ai! Defendam-me ainda, amigos! Estou apenas ferido!

HAMLET: Toma, Rei maldito, assassino — Incestuoso dinamarquês, acaba esta poção!

Engole tua pérola.

Segue minha mãe. *(O Rei morre.)*

LAERTES: Teve o que merecia;

O veneno que ele próprio preparou.

Troca o teu perdão com o meu, nobre Hamlet.

Que minha morte e a de meu pai não pesem em ti.

Nem a tua em mim! *(Morre.)*

(p.137-138)

- O rei Cláudio é desmascarado durante o duelo; a rainha morre, o rei é assassinado por Hamlet e Laertes morre. Hamlet está ferido pelo florete envenenado. (CENA II)

O último suspiro de Hamlet: a vontade e a morte
(CENA II)

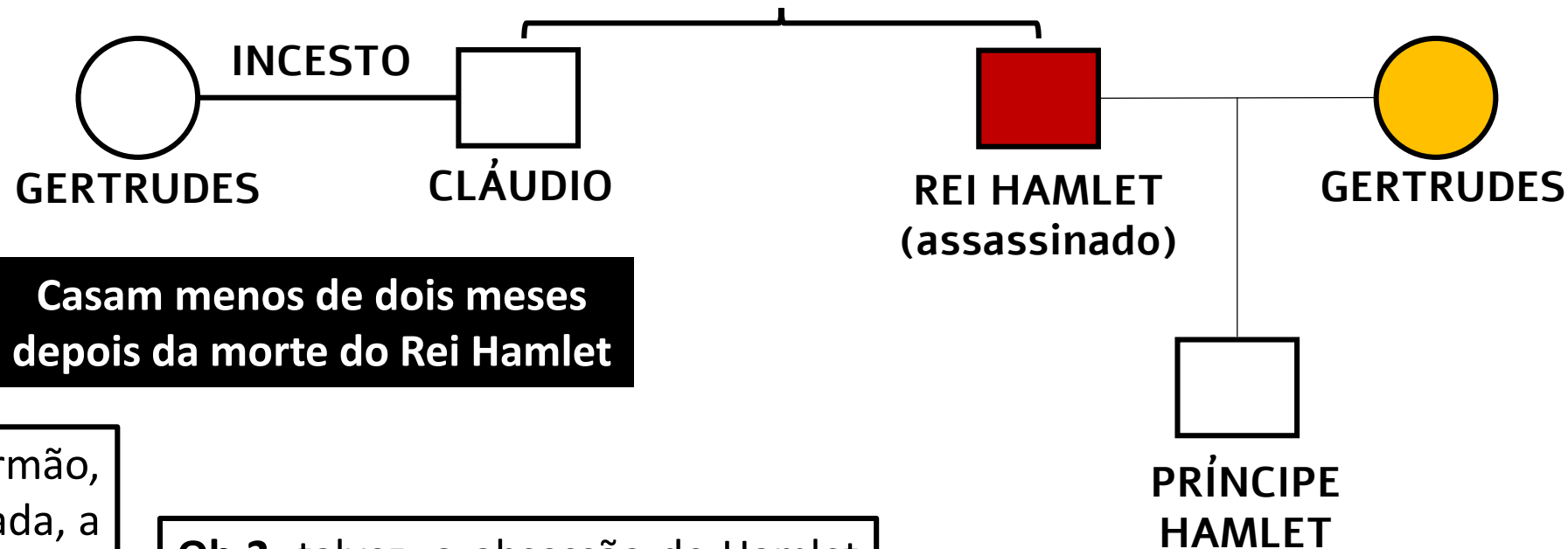
HAMLET: Oh, eu morro, Horácio;
O poderoso veneno domina o meu espírito.
Não vou viver pra ouvir notícias da Inglaterra;
Mas profetizo que a eleição recairá em Fortinbrás.
Ele tem o meu voto agonizante;
Diz-lhe isso e fala de todas as ocorrências,
Maiores e menores, que me impulsionaram a...
O resto é silêncio. (*Morre.*)

(p.139)



MOREAU, Gustave. *Príncipe Hamlet mata o rei Cláudio.*

PARA LEMBRAR!



Ob.1: Cláudio assassina o irmão, Rei Hamlet; casa com a cunhada, a Rainha Gertrudes. Talvez seja isso que consome o príncipe Hamlet e motiva sua obsessão por vingança. Ambos, ação e reação, são **CRIMES DE SANGUE**.

Ob.2: talvez, a obsessão de Hamlet não seja tanto motivado pelo assassinato do pai, e sim por ver sua mãe possuída por outro, que, no caso, é o seu próprio tio, o irmão e assassino de seu pai.

➤ Será que temos um **Complexo de Édipo???**

Ob.3: o fim de uma dinastia, de uma linhagem (declínio dos Estados Absolutistas);

- Crimes motivados por sede de poder e vingança;
- Todos morrem,
- A tragédia moderna com um toque clássico